

NOEL ROSA

Por Pedro Paulo Malta

Na manhã de 11 de dezembro de 1910, um domingo, nasce Noel de Medeiros Rosa, filho de Manuel (o Neca) e Martha, que, com a bacia estreita demais para a passagem daquele bebezão de quatro quilos, vê o filho ser retirado com o uso de fórceps. Uma fratura no osso da mandíbula, decorrência do mau uso dos instrumentos de ferro, causa um defeito no queixo (braquignatia) e na articulação da mandíbula, que acompanhará Noel pela vida inteira. Além dos problemas de aspecto (o queixo torto, ou a falta dele, seria um prato-cheio para todos os caricaturistas, inclusive o próprio Noel), a braquignatia impede nosso personagem de se alimentar corretamente, fazendo com que cresça mais frágil e mais mirrado do que as crianças de sua idade. Foi operado aos 6 anos e usou uma prótese de madeira na boca aos 12, tudo sem sucesso.

No parto, Martha foi assistida pelo médico Heleno da Costa Brandão (1883-1947) e pelo ultimaniista José Rodrigues da Graça Mello (1881-1942), que se tornaria padrinho de Noel. Dr. Heleno sempre fez questão de deixar claro que coube a ele a decisão de usar fórceps no nascimento de Noel, livrando o amigo – ainda acadêmico – de qualquer culpa pela fratura causada no rosto do bebê. A título de curiosidade: dali a 17 anos o Dr. Graça Mello seria o responsável pelo nascimento de outro genial compositor da música popular brasileira – Antônio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim, o Tom Jobim, nascido em 25 de janeiro de 1927, numa casa na Rua Conde de Bonfim, na Tijuca. Depois de seu falecimento, Graça Mello virou nome de rua no bairro de Cavalcante. Já o Dr. Heleno Brandão foi homenageado com um busto em Vila Isabel, instalado na Praça Tobias Barreto – a mesma que hoje abriga também um belo monumento a Noel: uma estátua do poeta da Vila sendo servido numa mesa de botequim.



Assim como Tom, Noel nasceu em casa: um chalé na Rua Theodoro da Silva, 30, em Vila Isabel (a mesma casa em que ele faleceria, dali a 26 anos, quatro meses e 23 dias). Seus avós maternos – o médico Eduardo Correa de Azevedo e sua esposa, Rita, que era professora – moravam naquele chalé desde fins de 1900, quando decidiram trocar Juiz de Fora (MG) pelo Rio de Janeiro. Assim que se mudaram para o Rio, vó Rita aproveitou o espaço da sala para montar uma escolinha de alfabetização (batizada Externato

Santa Rita de Cássia), a exemplo da atividade que já exercia em Juiz de Fora.

Martha trabalhava como professora na escolinha administrada pela mãe. Já o pai de Noel não teve uma atividade fixa durante sua vida profissional, vivendo de biscates e serviços que apareciam. Dois foram os empregos de maior destaque: primeiro como guarda-livros na loja Camisaria Especial, na Rua do Ouvidor, Centro do Rio. Depois, foi o trabalho como agrimensor que conseguiu em Araçatuba (SP). Ao retornar de vez para o Rio, chega a recusar emprego numa fábrica de tijolos na Ilha do Governador para embarcar no sonho de viver como... inventor! Cria geringonças como uma bicicleta aquática, que depois descobriu já ter sido inventada nos EUA, com o nome de *water cycle*. Continua tentando emplacar uma grande descoberta (tamancos luminosos, pílula para uniformizar o canto dos galos...), mas sempre fracassa, entrando num ciclo irreversível de frustração.

Só em 1934, quando tentou se enforcar na cozinha do chalé, a família constatou que Neca tinha uma doença grave: os médicos diagnosticaram psicose maníaco-depressiva, que levou o pai de Noel à internação na Casa de Saúde da Gávea. Foi lá que tentou pela segunda vez o suicídio, desta vez consumado, em 3 de maio de 1935, quando foi encontrado no quarto enforcado em uma corda feita com lençóis. Neca se matou assim como a mãe, Bellarmina, que se enforcara oito anos antes (15 de outubro de 1927), no galinheiro do chalé. O jovem Noel – então aos 16 anos, voltando de uma madrugada boêmia – foi quem encontrou o corpo da avó, na primeira imagem que teve da morte. Acordados naquele sábado de manhã pelo berro do adolescente, os moradores do chalé ficaram chocados com a morte da sexagenária, a começar por Rita, avó materna do garoto, que era irmã de criação de Bellarmina.

Quase todos do ambiente familiar de Noel tinham alguma ligação com as artes. A avó materna, Rita, tocava piano e lia poesia em francês. O avó, Eduardo Correa de Azevedo, falecido pouco antes do nascimento do neto, era apaixonado por poesia e escrevia seus versos. Fazia sonetos e peças poéticas para serem declamadas com acompanhamento de viola. A própria Martha declamaria, aos 13 anos, o longo poema antimonarquista *Pobre República*, também da lavra do pai. Publicou três livros: um de perfis (*Galeria: Caricaturas a Pena*), dois de poemas (*Rimas Sem Arte* e *Catecismo*). Foi de Eduardo a iniciativa de comprar um piano de segunda mão e instalá-lo na sala da casa da família – ainda em Juiz de Fora – para que as crianças desde cedo tivessem contato com a música.

Saraus, violão e estudos

Assim como as outras famílias de classe média nas primeiras décadas do século XX, no chalé da Rua Theodoro da Silva era comum a família promover saraus. O livro *Noel Rosa, uma Biografia*, de Carlos Didier e João Máximo, faz uma boa descrição das reuniões musicais a que o futuro compositor se acostumaria na infância: “Arlinda no piano, Carmem no violino, Martha no bandolim, Neca no violão, cantando com uma voz que se esforça para educar, pondo no gramofone os discos de Enrico Caruso e outros monstros sagrados da ópera. Nesses saraus, em geral aos domingos, a participação dos meninos ainda é mínima. Saboreiam os doces e biscoitos caseiros que distribuem entre um número e outro, ficam ouvindo, não cantam, não tocam. Noel, quando muito, olha para as mãos de Arlinda enquanto ela as faz passear pelo teclado. No dia seguinte, escondido da avó, abre o piano e dá início ao seu sarau particular. É repreendido. A reincidência obriga Arlinda a trancar o instrumento. Mas Noel sempre descobre o esconderijo, pega a chave, volta ao sarau”. Quando se cansa de tocar, deixa um bilhete sobre o piano para a madrinha, que no fundo acha linda a travessura do menino.

Foi nesses saraus que Noel se iniciou na música: primeiro no bandolim da mãe,

depois no violão do pai. “Mesmo em guri, a minha grande fascinação era a música. Qualquer espécie de música. Fosse qual fosse. E amava os instrumentos musicais, sentindo-me sonhar ante qualquer melodia”, diria Noel ao Jornal de Rádio, na edição de 1º de janeiro de 1935. “Foi graças ao bandolim que eu experimentei, pela primeira vez, a sensação de importância. Tocava e logo se reuniam, ao redor de mim, maravilhados com a minha habilidade, os gurus de minhas relações. A menina do lado cravava em mim uns olhos rasgados de assombro. Então eu me sentia completamente importante. Ao bandolim confiava, sem reservas, os meus desencantos e sonhos de garoto que começava a espiar a vida.”

Na mesma entrevista ao Jornal de Rádio, Noel Rosa relembra a troca do bandolim pelo violão, instrumento que o acompanharia para sempre: “Verifiquei que era um instrumento mais completo, de maior beleza comunicativa que o bandolim. Tanto me esforcei que, no fim de certo tempo, já tocava melodias várias. Ouvir o violão era como se ouvisse a mim mesmo, como se ouvisse a voz do próprio coração, o lirismo que nasceu comigo”.

No livro *Noel Rosa, uma Biografia*, Carlos Didier e João Máximo informam que, embora mais tarde vários moradores de Vila Isabel se orgulhassem de ter sido o *professor* de Noel (“Tudo que sabia de violão aprendeu comigo!”), nosso personagem foi violonista autodidata. Aprendeu as primeiras posições com o pai e depois encontrou por conta própria seus caminhos no instrumento. Pode até ter aprimorado a técnica com alguns mestres, mas com nenhum deles estudou por muito tempo. O primeiro violão Noel só ganharia os 16 anos, em 1927, de presente de Fábio, marido de sua madrinha, Arlinda. Até lá, se acompanharia no violão do pai ou nos de amigos.

Em 1º de março de 1923, Noel começa a frequentar o Ginásio de São Bento, no Centro do Rio. Menorzinho da turma, senta-se quase sempre nas primeiras carteiras. Por conta do queixo torto (que lhe rende o apelido impiedoso de Queixinho) e da dificuldade que tem na mastigação, evita comer na frente dos amigos. De quepe e farda cáqui, o menino estudou até dezembro de 1928 na instituição (que até hoje é conhecida pela manutenção das tradições e da austeridade), entre livros, provas finais, punições por mau comportamento, expulsões de sala, paródias impúblicas, desenhos obscenos, versinhos ironizando professores e textos debochados escritos à mão no jornalzinho *O Mamão*, criado por ele para fazer frente à pretenciosa revista *A Alvorada* (“Órgão Oficial dos Alunos do Mosteiro de S. Bento”).

Mesmo reprovado no segundo ano ginasial, continua com as travessuras e o descompromisso de sempre – como aproveitar-se de um professor surdo para dizer-lhe as maiores barbaridades ou zombar de um outro docente que não tinha três dedos de uma mão. Até ia à missa aos domingos, mas só pelo prazer de jogar futebol com os colegas após a cerimônia.

Já estava a caminho de nova reprovação, desta vez no quarto ano ginasial (1927), quando lançou mão do direito de voltar ao antigo sistema de ensino, isto é, frequentar as aulas do quinto ano no São Bento, mas passar a fazer os exames no Colégio Pedro II. Não se forma junto com sua turma (1928), pois, sendo reprovado em algumas matérias, segue fazendo provas – e tentando passar – até 1930. Acaba tornando-se bacharel por decreto, graças ao presidente recém-empossado Getúlio Vargas, que suspende as aulas nos colégios e faculdades a partir da revolução de 3 de outubro de 1930, determinando que todos os estudantes fossem aprovados ou promovidos em seus cursos.

Boemia

O livro de Didier e Máximo descreve nosso personagem como menino atento, observador sobretudo das pessoas – dos figurões aos anônimos da rua. Se o adulto Noel seria um *flâneur* à moda de João do Rio, seu caráter andarilho começou pelas ruas de Vila Isabel, topando com tipos dos mais respeitados (como os médicos, os professores e os padres) aos mais marginais: o bicheiro, o malandro, o seresteiro, o desempregado crônico, o sinuqueiro, o carteador, o mendigo, o vigarista, o proxeneta, o valentão, o pau d'água...

Vizinha de diversos bairros com características próprias, Vila Isabel acaba assumindo um pouco da personalidade de cada um: a Tijuca dos ricos e remediados; o Andaraí com sua população proletária que vivia em torno de meia dúzia de fábricas; o Engenho Novo provinciano com cadeiras na calçada; o Maracanã das famílias conservadoras; e a pobreza extrema de morros próximos, como o dos Macacos e o da Mangueira. Também culturalmente os moradores de Vila Isabel estavam em situação intermediária, entre a pretensa erudição estrangeira da Zona Sul (mocinhas pianistas que tocavam Liszt, Chopin e ritmos americanos em casarões de Botafogo) e as batucadas e maxixes que já sacudiam os morros cariocas (Mangueira, Macacos, Salgueiro, Favela...) e bairros de gente pobre, como a Cidade Nova, a Saúde, o Rio Comprido, o Estácio e o Catumbi, entre outros.

Já com 15 anos, prolonga suas andanças até o Centro do Rio, com paradas estratégicas em casas de música, para ver de perto alguns grandes instrumentistas que trabalhavam nesses estabelecimentos, como professores de novatos ou demonstradores das partituras que estavam à venda. Além de aprender, também começa a praticar. E os locais favoritos para as primeiras noitadas do adolescente Noel são os cafés do Ponto de Cem Réis (como o Café de Vila Isabel), o Café Rio Clube, a Confeitaria do Ventura e uma agência da Caixa Econômica Federal. Além dos jovens seresteiros de Vila Isabel e outros brancos de classe média, o ambiente democrático do botequim também era acolhedor para negros do morro. No fim das noitadas, era no Ponto Chic, botequim que nunca fechava, que Noel começava o dia seguinte, geralmente tomando uma média.

O Diário de Notícias de 15 de fevereiro de 1931 traz uma matéria exaltando a importância do Café de Vila Isabel e a benevolência de seu proprietário, o lusitano Carvalho: “Ali foi que o inspirado compositor fez a maior parte de suas composições, depois de uma hora da madrugada. O dono desse café, um português pacato e de coração como doce de calda, era ‘amasiado’ com os fados, mas não olhava com desprezo para o samba, que era como que uma mulatinha para seus ouvidos... E como é democrático por índole, não fez como os outros donos de cafés do bairro. Deixou que Noel Rosa, com a turma que o acompanha em Vila Isabel, continuasse ali a vibrar as cordas de seu pinho e a escrever suas letras. Com o tempo, o bom luso mostrou achar-se enamorado de nossa música. Foi desprezando os fadinhos e fazendo ‘pés d’alferes’ com os sambas”. Por causa das cantorias no Ponto de Cem Réis, Noel passou a ser requisitado para serenatas em Vila Isabel, em 1929.

Tangará

Foi em maio daquele ano que Noel, já famoso como violonista nos arredores de Vila Isabel, foi procurado por integrantes do recém-extinto conjunto Flor do Tempo (1926), formado por ex-alunos do Colégio Batista, na Tijuca, criando com eles um novo grupo, o Bando de Tangará, nascido para ser amador. “Não podemos deixar que nos confundam com profissionais”, dizia o cantor, compositor e ritmista Henrique Fo-

réis Domingues, o Almirante, líder do conjunto, como informam Carlos Didier e João Máximo no livro *Noel Rosa, uma Biografia*. Além dele, participam do Bando outros filhos da classe média, como Carlos Alberto Ferreira Braga, mais conhecido como João de Barro (violonista e compositor), Henrique Britto (violonista) e Alvinho (violonista e cantor). Seguindo o sucesso de grupos como Os Turunas da Mauriceia e Os Turunas Pernambucanos (que eram a grande sensação daquele momento), o novo conjunto aposta no repertório nordestino, sobretudo toadas e emboladas.

Até o primeiro semestre de 1933, quando o Bando se desfez (pela dificuldade de conciliar carreiras que já andavam sozinhas), foram 38 discos gravados e 73 faixas. Entre elas, composições da fase inicial de seus integrantes (com destaque para um samba de Almirante, *Vamos Falar no Norte*, e marchas galhofeiras de Noel, como *Dona Aracy* e *Picilone*), alguns sucessos de Lamartine Babo (como *Minha Cabrocha* e *Chora!*) e pelo menos três clássicos do samba: *Na Pavuna* (Almirante e Homero Dornellas), *Cordiais Saudações* e *Eu Vou pra Vila* (ambos de Noel).

A sonoridade nordestina do Bando de Tangarás daria o tom de composições iniciais de Noel Rosa, como a toada *Festa no Céu* (baseada numa história infantil) e a crônica bem-humorada *Minha Viola*. As duas músicas, gravadas pelo próprio Noel em agosto de 1930, foram lançadas em disco de 78 rotações da gravadora Parlophon. A gravação das duas músicas foi um marco duplo para Noel, que teve ali suas primeiras composições registradas num disco e entrou pela primeira vez num estúdio para gravar como cantor.

Era do Ponto de Cem Réis que Noel conhecia João de Barro – então morador da Fábrica de Tecidos Confiança, onde o pai era gerente. Outros ases da música popular que frequentavam o botequim do Carvalho em Vila Isabel eram Lamartine Babo, Antonio Nássara e Orestes Barbosa, todos futuros parceiros de Noel. Também passaram pelo famoso cruzamento de Vila Isabel outros moradores musicais do bairro, como Francisco Alves, Christóvam de Alencar, Evaldo Ruy, Valzinho, Ciro de Souza e Guilherme de Brito.

Morro e asfalto

No carnaval, Vila Isabel se dividia em dois blocos: o Cara de Vaca (que era organizado e reunia foliões das ruas Souza Franco e Torres Homem) e o Faz Vergonha (da Rua Maxwell, nas imediações da Fábrica de Tecidos Confiança), que era mais democrático e não tinha cordão de isolamento. Noel não só pertencia ao segundo bloco como era um dos destaques do grupo, sendo um dos três improvisadores de versos durante o desfile – os outros dois eram Paulo Anacleto e Lauro Boamorte. Junto com Noel desfilavam outros grandes fuzarqueiros das redondezas, como Antenor Grande, Piscalhada, Candinho, Gude e Canuto – este último autor do samba mais famoso do bloco: *Vou à Penha Rasgado*. Este samba seria gravado por João de Barro (que aparece como parceiro de Canuto) em 1931.

Canuto foi justamente um dos três percussionistas convocados por Almirante – os outros dois atendiam por Puruca e Andaraí – para acompanhar o Bando de Tangarás na gravação de *Na Pavuna*, em fins de 1929, na Parlophon. Maior sucesso do conjunto de Almirante, Noel e companhia, aquele samba entrou para a história não só como uma das músicas mais cantadas no carnaval de 1930. Era a primeira vez que instrumentos de escolas de samba e blocos podiam ser ouvidos num disco.

E foi na companhia de Canuto (nascido Deocleciano da Silva Paranhos, lustrador de profissão) que Noel começou a frequentar o Morro do Salgueiro, na Tijuca, onde conheceu Antenor Gargalhada e outros sambistas. Visitar morros como Salgueiro

e Mangueira – outro que Noel cansaria de subir – e transitar no meio de barracos e seus moradores paupérrimos era iniciativa impensável para gente da classe média naqueles anos 20/30. Para o jovem compositor da Vila, porém, as visitas eram incursões a um novo mundo repleto de ótimos sambistas, gente franca e grandes festas. Este sobe-desce pioneiro dos morros não só traria elementos (e parceiros) para as composições de Noel como abria a dicotomia entre o samba de morro e o samba de asfalto. A nova modalidade, inaugurada a partir das primeiras experiências dos tangarás Noel, João de Barro e Almirante, se consolidaria durante os anos 30, também por meio de composições de Ary Barroso, Custódio Mesquita, Mário Lago e outros jovens da classe média, todos brancos e letrados, que entravam sem pedir licença em um universo que antes era exclusivo dos negros.

Assim, à medida que o “samba letrado” se firma em discos e no rádio, os “verdadeiros sambistas” protestam, questionando a legitimidade da turma “da cidade”. Noel nem se incomoda com a polarização entre as duas “turmas”, dando sua resposta em sambas como *Eu Vou pra Vila*, de 1931, e *Feitiço da Vila*, de 1934. Já em *Feitio de Oração*, de 1933, Noel (com Vadico) dá um veredito lírico para os questionamentos à legitimidade da turma do asfalto: “O samba na realidade / Não vem do morro / Nem lá da cidade / E quem suportar uma paixão / Sentirá que o samba então / Nasce do coração”.

Foi nessa mesma época (1930) que Noel Rosa tornou-se amigo de outro ilustre morador de morro que fazia sambas, o negro Cartola, habitante da Mangueira. Os dois se conheceram no Café e Bilhares Maracanã, também conhecido como Café da Uma Hora, muito frequentado tanto por boêmios da Tijuca e arredores como pelos da Mangueira. Os dois logo se tornaram grandes amigos e Noel passou a frequentar o barraco de Cartola e sua esposa, Deolinda. Os amigos se tornariam parceiros em dois sambas lançados por Francisco Alves: *Rir* (gravado com Mario Reis) e *Não Faz, Amor*, ambos lançados em 1932.

Outro amigo negro e pobre que entrou de vez na biografia de Noel foi o compositor Ismael Silva, um dos mais talentosos bambas do Estácio – reduto povoado por sambistas-malandros, alguns mais sambistas (como Bide, Mano Rubens e Nilton Bastos) e outros mais malandros (casos de Baiaco e Brancura). Foi pelo modo de compor dessa turma do Estácio que o samba deixou para trás seu sotaque maxixado – comum nas primeiras décadas do século XX, em obras como as de Sinhô e Caninha – e ganhou uma cadência própria para o desfile de rua, ficando mais solto e menos *puladinho* do que o maxixe. Virou “samba de sambar”, como Ismael Silva costumava definir o novo gênero que ajudou a criar. Coautor de 18 composições de Noel (entre elas, os sambas *A Razão Dá-se a Quem Tem*, *Adeus, Uma Jura que Fiz* e *Para Me Livrar do Mal*), Ismael Silva foi o parceiro mais constante de nosso homenageado.

Nunca é demais ressaltar que, naquelas primeiras décadas do século XX, o muro que caracteriza o Rio de Janeiro como uma cidade partida era ainda maior e mais intransponível do que é nos dias atuais. Era de fato inadmissível que pessoas da classe média (em sua maioria brancas, letradas, bem vestidas e empregadas) se relacionassem abertamente com o outro lado do muro, formado na maioria por negros, analfabetos, muitas vezes desocupados, maltrapilhos e desprovidos das referências culturais – geralmente estrangeiras – da classe média. Assim, é fundamental salientar que a construção desta ponte entre o asfalto e o morro é resultado de uma opção clara de Noel: a opção de ir contra os valores severos que eram vigentes naquela época, dando de ombros para a censura que receberia da ala conservadora de seu bairro. “Este filho de dona Martha só vive metido com gentinha”, torcia o nariz a vizinhança de Vila Isabel, como lemos no livro de Carlos Didier e João Máximo.

Opção pelo samba

O mesmo livro conta que aqueles vizinhos trocaram a cara feia por cumprimentos após setembro de 1930, quando foi lançado o primeiro sucesso de Noel Rosa: o samba *Com Que Roupa?*, gravado em fins de 1929 na Parlophon, com interpretação do próprio Noel com o Bando de Tangarás. De imediato, foram vendidas 15 mil cópias do disco e as emissoras de rádio não paravam de tocar aquele samba cheio de novidades: a letra alusiva à dureza dos brasileiros, rimas inusitadas, um breque antes do refrão e até uma citação aos *Lusíadas*, de Camões (o navio Adamastor). Ao tio Eduardo Correa de Azevedo, que o surpreendeu no momento da composição, disse que aquele samba era “o Brasil de tanga”. Já ao Diário de Notícias (edição de 15 de fevereiro de 1931), tratou de explicar que a “roupa” da letra não significava exatamente roupa – como, aliás, o povo já tinha entendido: “Por exemplo: se um camarada está sem dinheiro e alguém o convida para um baile ou uma festa qualquer, ele retruca, com um gesto significativo: ‘Com que roupa?’ (isto é, com que dinheiro?)”. A pergunta do título caiu na boca do povo e ainda inspirou slogans de lojas, charges em jornais e revistas, nomes de times de futebol de várzea e até um conjunto musical do morro da Mangueira.

Outra curiosidade a respeito da composição de *Com Que Roupa?* está na melodia do primeiro verso, claramente baseada na melodia do primeiro verso do Hino Nacional, o mesmo que costumava parodiar no Ginásio de São Bento. Assim, em vez de “Ouviram do Ipiranga às margens plááácidas”, o Brasil de tanga cantava “Agora vou mudar minha conduuuta”. Também colaborou para o sucesso de *Com Que Roupa?* sua inclusão no repertório da revista *Deixa Essa Mulher Chorar*, sendo cantado por Aracy Cortes, atriz e cantora de maior cartaz naquela época. Ao lado do rádio, o teatro de revista era o principal meio de divulgação de músicas daqueles anos 30. No caso desta revista (cuja estreia se deu em 9 de janeiro de 1931, no Teatro Recreio), ela trazia outro elemento que seria um estouro: em vez da tradicional orquestra, os números musicais seriam acompanhados por um grupo de sambistas do (novamente!) morro do Salgueiro.

Além do sucesso no carnaval, outro marco importante de 1931 na vida de Noel foi a aprovação no vestibular para a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Passou com a média mínima (3,6), mas passou. No entanto, a felicidade de sua família durou pouco. Já na metade do primeiro ano tinha abandonado as aulas – na Praia Vermelha e na Santa Casa de Misericórdia (Rua Santa Luzia, Centro). Como registro da passagem efêmera pela Faculdade de Medicina, deixou um samba: *Coração*, feito no Café Nice. A letra registra, inclusive, que não foi bom aluno, como se percebe pelo erro crasso logo nos primeiros versos: “Coração, grande órgão propulsor / Transformador do sangue venoso em arterial...”. Noel tentou corrigir a informação na edição impressa (reescrevendo assim o segundo verso: “Distribuidor do sangue venoso em arterial...”), mas a mancada já estava gravada – pelo próprio Noel – em disco que sairia em 1932.

Se a família, por um lado, ficou decepcionada com o abandono da academia pelo filho, por outro passou a ver seu nome em jornais e revistas. *Com Que Roupa?* abriu as portas – e atraiu a atenção do público, da imprensa e de outros compositores – para o talento daquele jovem sambista, que não viveria muito, mas emplacaria sucessos nos parques seis anos de vida que ainda teria pela frente. Naquele mesmo ano de 1931, por exemplo, foram dois sambas gravados pelo Bando de Tangarás: *Eu Vou pra Vila* (tendo Almirante como solista) e *Cordiais Saudações* (solado pelo próprio Noel), sendo que neste último o compositor canta a falta de dinheiro – assunto recorrente em sua obra (e na vida!) –, numa letra construída como se fosse uma carta ao credor.

Já no ano seguinte (1932), foi a vez de Noel transformar leilão em samba, com *Quem Dá Mais?*, gravado pelo próprio compositor com odes à mulata, ao futebol e ao samba. Em *Mulato Bamba*, do mesmo ano, a novidade é a descrição de um

personagem homossexual, cujo perfil é traçado na letra com a ironia costumeira de quem faz fofoca, sugerindo que o mulato “não quer saber de fita nem com mulher bonita”. E ainda teve *Até Amanhã*, samba lançado por João Petra de Barros que até hoje encerra bailes de carnaval em todo o país. Mas o maior sucesso de Noel em 1932 foi mesmo o samba *Fita Amarela*, lançado em dezembro – pela dupla Mario Reis e Francisco Alves – com mira no carnaval de 1933, no qual estourou e foi para a boca do povo. Também tiveram destaque dois sambas gravados em setembro de 1933 por Mário Reis: *Filosofia* (parceria com André Filho) e *Meu Barracão*, uma das muitas referências de Noel à Penha – curiosamente, o bairro mais homenageado em seus sambas. Em novembro, *O Orvalho Vem Caindo* (samba de Noel coassinado pelo pugilista barra-pesada Kid Pepe) é lançado na voz de Almirante. Outro samba de 1933 é *Positivismo*, única parceria de Noel com Orestes Barbosa.

O principal marco de 1933, no entanto, é a primeira gravação de um samba em parceria com o pianista paulistano Osvaldo de Almeida Gogliano, o Vadico (1910-1962): o clássico *Feitio de Oração*, gravado em duo por Francisco Alves e Castro Barbosa. Os dois se conheceram em fins de 1932, apresentados pelo maestro Eduardo Souto, no estúdio da Odeon. Vadico tocava uma belíssima melodia sem letra no piano de uma das salas e o maestro foi correndo chamar Noel, que ali mesmo começou a rabiscar um “monstro” e prometeu tentar a letra – pronta em dois dias. A partir de então, a dupla emplacaria pelo menos um sucesso por ano: *Feitiço da Vila* (1934), *Conversa de Botequim* (1935), *Provei, Cem Mil Réis, Tarzan, o Filho do Alfaiate* (todos de 1936) e *Pra Que Mentir* (1937).

Casamento e tuberculose

Já 1934 foi o ano em que Noel Rosa conheceu seu grande amor e se casou – duas histórias que não envolvem a mesma mulher. O grande amor foi a dançarina campista Juraci Correia de Moraes, a Ceci, então com 16 anos, musa de diversos sambas de sua obra. Foi na noite de 23 de junho de 1934, um sábado, numa festa de São João realizada no Cabaré Apollo (Lapa) que tinha como homenageado o próprio Noel. Depois de cantar, o compositor vê Ceci na pista de dança e se encanta por ela, engatando um romance proibido – pois estava noivo da sergipana Lindaura, desde que “fizera mal” à moça, ainda menor de idade, em novembro de 1933. O casamento foi consumado em 1º de dezembro de 1934, sem convites para amigos e familiares ou notícias de jornal, mas Noel não tem tempo nem vontade de se dedicar à esposa, com quem vai morar num quarto nos fundos do chalé da Rua Theodoro da Silva. Foi para Ceci – e para a noite memorável no Cabaré Apollo – que Noel dedicou dois clássicos de seu repertório: os sambas *Último Desejo* e *Dama do Cabaré*.

Também foi em 1934 (no mês de novembro) que Noel teve a primeira crise de tuberculose. Desmaiou durante um show no Cine Grajaú. Para se afastar das noitadas e da boemia, segue com Lindaura para Belo Horizonte, cidade bem mais pacata do que o Rio. De janeiro a abril de 1935, o casal é hospedado na capital mineira por Carmem (tia de Noel) e seu marido Mário Brown, no bairro Floresta. Logo encontra novos amigos e novos botequins, pretextos para viver escapulindo dos tios, com a conivência impassível de Lindaura. Menos de três meses após a chegada em BH, o casal é despachado de volta para Vila Isabel. Noel chega ao Rio mais gordo e aparentemente curado.

Do ano de 1935 seu maior sucesso é um samba lançado pela cantora Aracy de Almeida, em dezembro: *Palpite Infeliz*, uma resposta direta à música *Conversa Fiada*, em que Wilson Batista falava que era conversa fiada dizerem que o samba da Vila tinha feitiço (uma alusão a outro grande sucesso de Noel: *Feitiço da Vila*). A polêmica – que ainda teve mais dois golpes desferidos por Batista (*Frankenstein da Vila* e *Terra*

de Cego) – terminou no Café Leitão, no pé dos Arcos da Lapa, num encontro casual em que os dois riram muito e Noel fez nova letra para a melodia de *Terra de Cego*, transformando a última provocação num belo samba de amor intitulado *Deixa de Ser Convencida*. Outros lançamentos importantes de 1935 foram a marcha *Pierrô Apaixonado* (em parceria com Heitor dos Prazeres) e dois sambas gravados pelo próprio Noel Rosa: *João Ninguém* e *Conversa de Botequim* (com Vadico).

Empregado na Rádio Club do Brasil entre 1935 e 36, Noel embarca num projeto de Almirante (artista do *cast* da emissora) de escrever um programa semanal de meia hora chamado *Como Se as Óperas Célebres do Mundo Hovessem Nascido Aqui no Rio*. A ideia do velho amigo de Noel era adaptar para a realidade carioca as famosas histórias do repertório erudito, mas, sem respaldo na emissora, não foi adiante. Mesmo assim, o Poeta da Vila tomou gosto pela proposta e escreveu duas revistas radiofônicas – *O Barbeiro de Niterói* e *Ladrão de Galinha* –, e mais tarde uma opereta chamada *A Noiva do Condutor*. No entanto, os maiores êxitos do Poeta da Vila em 1936 foram três sambas: *O X do Problema*, *Provei* e *A Dama do Cabaré*, este último feito como parte da trilha sonora do filme *Cidade Mulher*, de Humberto Mauro. Para o mesmo filme Noel escreveu também a marchinha *Cidade Mulher* (sua única canção em homenagem ao Rio), o samba-choro *Tarzan, o Filho do Alfaiate* e o samba *Maria Fumaça*, que acabou não entrando na trilha.

No campo pessoal, Noel leva dois sérios contragolpes antes do fim de 1936: primeiro com Lindaura, que perde o bebê que esperava de Noel ao cair de uma goiabeira nos fundos do chalé. Segundo, a tuberculose volta a derrubar seu corpo, que desta vez não reage a contento. Em março de 1937, Noel chega a viajar com a esposa para Nova Friburgo (RJ), em busca do ar puro da serra, mas o casal não fica mais do que três semanas por lá. No mês seguinte, o casal passa uma semana em Pirai (RJ), e a saúde do compositor continua em queda franca. Chega a ser dado como morto pela Rádio Cruzeiro do Sul, mas pouco depois aparece na revista Carioca desmentindo a notícia, em matéria assinada por David Nasser – na foto, vê-se um Noel esquelético, de pijama, dando sua última entrevista.

Quando chega às bancas, no dia 4 de maio de 1937, a edição de Carioca desmentia o que aconteceria às 23h daquele mesmo dia, uma terça-feira: o falecimento de Noel Rosa, no mesmo quarto em que veio ao mundo, no chalé da Rua Theodoro da Silva, em Vila Isabel. Morreu ao lado de Lindaura, do irmão Hélio e da mãe, Martha. Não viveu a tempo de ouvir o lançamento de *Último Desejo*, em gravação magistral de Aracy de Almeida, realizada em julho. O velório foi realizado em 5 de maio, na sala do chalé, com o caixão apoiado sobre quatro carteiras, improvisadas como uma mesa. As primeiras homenagens cantadas vieram de amigos humildes: o sambista Osso, antigo companheiro de noitadas em Vila Isabel (que compôs *Inesquecível Noel*), e o mangueirense Cartola (com *A Vila Emudeceu*). Foi sepultado no cemitério de São Francisco Xavier, no Caju, pouco depois de um discurso inflamado de Ary Barroso, que – nota tragicômica do enterro de Noel – escorregou durante o pronunciamento (chovia naquele dia 5 de maio) e por pouco não foi para a cova junto com o Poeta da Vila.

* Pedro Paulo Malta é músico, jornalista e pesquisador de música popular brasileira. Foi consultor da série *Pequenos Notáveis*, produzida pela MultiRio, que mostra a vida e a obra de grandes compositores brasileiros a fim de inspirar crianças de 9 a 14 anos a descobrir suas aptidões.